



e-ISSN: 2177-8183

**COMPREENSÕES SOBRE COMPORTAMENTO AUTOLESIVO SEM INTENÇÃO
SUICIDA**

**COMPRÉHENSIONS SUR LE COMPORTEMENT D'AUTOMUTILATION
SANS INTENTION SUICIDAIRE**

**UNDERSTANDINGS ABOUT RELATIONAL ASPECTS IN SELF-DESTRUCTIVE
BEHAVIOR**

Erika Höfling Epiphania

erikapsicoesporte@yahoo.com.br

Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP - 2001).

Professora Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf

Silvio Gabriel Linhares Guimarães

silvioglguimaraes@gmail.com

Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf

RESUMO

O objetivo deste artigo foi de trazer compreensões sobre o fenômeno de comportamentos autolesivos sem intenção suicida (ASIS), levantadas a partir de resultados de uma pesquisa-intervenção realizada com jovens que praticavam tal comportamento. A pesquisa foi feita com um grupo de sete jovens entre 14 e 19 anos, sendo os Grupos de Encontros (GE) a estratégia interventiva adotada. Os pesquisadores usaram Diários de Campo e Versões de Sentido (VS) como acesso à experiência vivida. As informações coletadas seguiram uma análise fenomenológica de tendência empírica proposta por Amatuzzi (1996), permitindo-nos tecer reflexões sobre o fenômeno. O estudo revelou que o comportamento autolesivo encontra-se associado a diversos fatores relacionais conflituosos e geradores de sofrimentos psíquicos significativos, como por exemplo: vivências de *bullying* em contexto escolar; conflitos com familiares e outras formas de violências sofridas. Tais experiências associadas à ausência de espaços de expressão levam, geralmente, ao silenciamento dessas dores, podendo ser a ASIS uma forma de comunicação. Pode-se perceber que o GE se mostrou um espaço de acolhimento e cuidado a esses jovens, sendo um importante espaço de expressão, podendo ser adotado em contextos de saúde e educação. Com isso, o estudo leva-nos a concluir que as diversas violências

experienciadas por jovens, associadas à ausência de espaços de cuidado, contribuem para a ASIS como forma de expressividade, indicando a necessidade de criação de espaços de escuta qualificada, para auxiliar jovens a enfrentarem suas dores, de forma mais efetiva e menos nociva para suas existências, além de sugerir ações com famílias e escolas, como importantes recursos de enfrentamento.

Palavras-chave: comportamento autolesivos; grupos de encontro; pesquisa-intervenção; cuidado; escuta.

ABSTRACT

The goal of this article was to understand about the phenomenon of nonsuicidal self-injury (NSSI), raised from the results of an intervention-research executed with young people who practiced such behavior. The research was realized with a group of seven teenagers between 14 and 19 years old, with the Encounter Groups (EG) being adopted interventional strategy. The researchers used Field Diaries and Sense Versions (SV) as access to the lived experience. Data collected followed a phenomenological analysis of empirical tendency proposed by Amatuzzi (1996), allowing us to reflect on the phenomenon. It was perceived with the study that self-injurious behavior is associated with several conflicting relational factors and generators of significant psychic suffering, such as: experiences of bullying at school, conflicts with family members and other forms of violence suffered. Such experiences associated with the absence of spaces of expression, generally leads to the silencing of these pains, which can be communicated by self-destructive behaviors. It can be seen that the EG proved to be a space for welcoming and caring for these teenagers, being an important place for expression, which can be adopted in contexts of health and education. Therefore, the study leads us to conclude that the various forms of violence experienced by young people, associated with the absence of care spaces, contribute to NSSI as a form of expressiveness, indicating the need for psychological support and the creation of listening places to help them cope with their pain in a more effective and less harmful way for their existences, in addition to proposing actions with families and schools, as important coping resources.

Keywords: nonsuicidal self-injury; encounter groups; intervention research; careful; listening.

RÉSUMÉ

L'objectif de cet article était de faire comprendre le phénomène des comportements d'automutilation sans intention suicidaire (ASIS), issue des résultats d'une recherche interventionnelle réalisée auprès de jeunes qui pratiquaient de tels comportements. La recherche a été menée auprès d'un groupe de sept jeunes âgés de 14 à 19 ans, étant la stratégie d'intervention adoptée les Groupes de Rencontres (GE). Les chercheurs

ont utilisé Journaux de Terrain et Versions de Sens (VS) comme accès à l'expérience vécue. Les informations recueillies ont suivi une analyse phénoménologique de tendance empirique proposée par Amatuzzi (1996), permettant de tisser des réflexions sur le phénomène. Il a été remarqué avec l'étude que les comportements d'automutilation sont associés à plusieurs facteurs relationnels conflictuels et générateurs de importantes souffrances psychiques, tels que: les expériences d'harcèlement en contexte scolaire, conflits avec les membres de la famille et autres formes de violence subies. De telles expériences associées à l'absence d'espaces d'expression conduisent généralement à faire taire ces douleurs, et l'ASIS pourrait être une forme de communication. On constate que le GE s'est avéré être un espace d'accueil et de soin pour ces jeunes, étant un espace d'expression important, qui peut être adopté dans des contextes de santé et d'éducation. L'étude nous amène donc à conclure que les différents types de violence vécus par les jeunes, associés à l'absence d'espaces de soins, contribuent à l'ASIS comme forme d'expressivité, indiquant la nécessité de créer des espaces d'écoute qualifiée, pour aider les jeunes à affronter leur douleur, d'une manière plus efficace et moins nocive pour leur existence, en plus de suggérer des actions auprès des familles et des écoles, comme ressources d'adaptation importantes.

Mots-clés: comportement d'automutilation; groupes de rencontres; recherche interventionnelle; soin; écoute.

INTRODUÇÃO

Os comportamentos autolesivos manifestam-se na sociedade há séculos, sejam eles por motivos religiosos, sociais ou psicológicos. Porém, há alguns anos, a incidência tem se mostrado além do vivenciado na história pregressa (Almeida *et al.*, 2018; Klonsky *et al.*, 2011; Moreira *et al.*, 2020; Walsh, 2014), o que aponta para um caráter de contágio social. Embora evidencie-se um aumento de estudos sobre o tema, percebe-se ainda poucas pesquisas que se propõem à compreensão deste fenômeno, por meio da experiência de quem a vive, como preconiza o método fenomenológico que foi adotado por este estudo.

Os diversos atravessamentos e contextos em que estão presentes as condutas de infligir danos ao próprio corpo, de maneira intencional e sem intenção suicida, dificultam a sua conceituação e o uso de uma nomenclatura única. Neste artigo, adotaremos o termo “Autolesão Sem Intenção Suicida” (ASIS), tradução do termo *nonsuicidal self-injury (NSSI)* que, segundo Walsh (2014, p.4), trata-se de “um dano corporal intencional, autoinfligido e de baixa letalidade, de natureza socialmente inaceitável, realizado para reduzir e/ou comunicar uma angústia psicológica”.

O aumento de número de casos de ASIS, identificados em atendimentos de plantão psicológico, realizados em escolas públicas e em um serviço de clínica-escola de uma universidade pública, ambos na região do semiárido nordestino, entre os anos de 2015 a 2019, motivaram os autores deste artigo a desenvolverem uma pesquisa, que teve como objetivo ampliar a compreensão do fenômeno da ASIS, tendo a experiência de jovens que desenvolveram tais comportamentos como um caminho possível de acesso ao fenômeno.

Para isso, foi proposto um trabalho interventivo nos moldes dos Grupos de Encontros (GE)¹ facilitados pela pesquisadora e psicóloga, juntamente com um estudante de Psicologia, engajado na temática. Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, fenomenológica e interventiva. A pesquisa-intervenção é considerada uma possibilidade às novas realidades científicas, sociais e políticas, principalmente no que se refere à pesquisa no campo da promoção de saúde; esse método de investigação pode potencializar mudanças e fortalecer o desenvolvimento da autonomia de todos os inseridos, sejam estes os participantes e os pesquisadores, uma vez que o processo acontece na troca e na construção mútua. (Mendes; Pezzato; Sacardo, 2016).

¹ Grupo de Encontro, trata-se de um processo experiencial em grupo, proposto por Carl Rogers, que se propõe a destacar o crescimento pessoal, pelo desenvolvimento de capacidades comunicacionais e relacionais (Rogers, 2002).

A ASIS tem sido foco de estudos recentes, devido ao considerável aumento de casos em adolescentes, principalmente em ambientes escolares, como pode ser evidenciado nas revisões bibliográficas apresentadas por Almeida *et al.* (2018) e Moreira *et al.* (2020) e em pesquisas realizadas em diversas regiões do Brasil (Bombonati, 2020; Garreto, 2015; Silva; Siqueira, 2017).

Almeida *et al.* (2018) fazem uma análise do comportamento autolesivo e concluem que este comportamento não deve ser visto como uma doença, mas como um fenômeno amplo que associa questões subjetivas, atravessadas por questões sociais, revelando uma sociedade adoecida, indicando a necessidade de ser encarado como um problema de saúde pública. Nesse sentido, em abril de 2019, o Brasil criou uma lei que institui uma política nacional de prevenção de automutilação e do suicídio, a lei 13.819, que se propõe a prevenir a ASIS e comportamentos suicidas, gerando programas de promoção à saúde mental e indica a necessidade de notificação de ASIS e suicídio em unidades de saúde e escolas (Brasil, 2019). Nesta lei, evidencia-se a necessidade de que se tenha profissionais qualificados para gerenciar tais demandas nas escolas e unidades de saúde.

Alguns estudos indicam que a ASIS, muitas vezes, surge como estratégia encontrada por indivíduos fragilizados para enfrentarem suas dores afetivo-emocionais, em um movimento de desvio do sofrimento psíquico para a dor física, causando um esquecimento temporário da aflição e assumindo diferentes funções para cada pessoa (Almeida *et al.*, 2018; Moreira *et al.*, 2020; Silva; Siqueira, 2017). Sendo assim, o ato de provocar danos ao próprio corpo, de maneira intencional, assume um papel de regulação emocional, autopunição, marcador de angústia, demonstração de autossuficiência e autocuidado e, até mesmo, como uma atitude antissuicídio (Klonsky *et al.*, 2011).

A ASIS pode ser considerada como um importante preditor de vários outros tipos de comorbidades, mesmo que, erroneamente, muitas vezes são associadas

pelos pessoas de convívio social e familiar como uma tentativa do adolescente dar fim à própria vida. Tentativas de suicídio e ASIS são fenômenos distintos, mas que se relacionam intimamente, uma vez que a autolesão, segundo Klonsky *et al.* (2011) é um importante fator de risco para o suicídio.

O estudo de Bombonati (2020), que foi realizado na região do semiárido nordestino, mesma região em que este estudo aconteceu, buscou, por meio da percepção de 29 estudantes e 5 professores de uma escola rural, compreender as motivações que levam a comportamentos autolesivos; o estudo identificou que diversos aspectos socioambientais mostram-se associados ao sofrimento psicológico de jovens que praticam a autolesão, como *bullying*, abusos familiares, violência sexual, restrições decorrentes de questões econômicas e falta de enquadramento no ambiente social, corroborando com os estudos de Giusti (2013) e Moreira *et al.* (2020), que também identificaram associação entre ASIS e a presença de transtornos psiquiátricos, tais como: transtorno de personalidade *Bordeline*, ansiedade, depressão, transtornos alimentares e abuso de uso de substâncias como álcool e drogas.

Almeida *et al.* (2018), a partir de um estudo de revisão de literatura, associam a prática de ASIS com o desencorajamento de expressar suas emoções; no estudo realizado por Fortes e Macedo (2017), em que analisaram narrativas de adolescentes com o mesmo comportamento, compartilhadas em meios digitais, também identificaram que a ausência de interlocução para compartilhar o sofrimento mostrou-se como fator associado. Os autores afirmam que “diante da impossibilidade de colocar em palavras a própria dor, o ato automutilatório apresenta-se como recurso apaziguante” (Fortes; Macedo, 2017, p.355), evidenciando a função de regulação emocional apresentada por Klonsky *et al.* (2011).

Tanto no estudo de Almeida *et al.* (2018) quanto no de Fortes e Macedo (2017), o sentimento de solidão é vivenciado de forma significativa e o fato de não haver com quem partilhar a dor psíquica, torna-a insuportável. Ainda, Almeida *et al.* (2018)

apontam a presença marcante da sensação de vazio e inutilidade como um motivo para que os jovens auto lesionem-se. Logo, como coloca Epiphanio e Guimarães (2019, p. 17) “falar de comportamentos autodestrutivos é falar de pessoas marcadas por experiências de violência significadas no silêncio da solidão”.

Mesquita *et al.* (2011) investigaram o comportamento autolesivo relacionando com a dinâmica familiar e, no levantamento realizado, a ASIS, bem como o suicídio, é mais evidente em adolescentes com problemas relacionais, principalmente com a presença de conflitos familiares, falta de manifestações afetivas e excesso de críticas por parte dos pais.

Diante do levantamento bibliográfico realizado, percebe-se que a ASIS é um fenômeno multifatorial que precisa ser compreendido de forma ampla e profunda, contextualizando-o em uma dimensão sociocultural e relacional, como o método fenomenológico propõe. A fenomenologia enquanto método de investigação sobre questões humanas, busca compreender o fenômeno, por meio da experiência, considerando que esta é sempre situada, isto é, está inserida em um mundo e em contextos relacionais. Com isso, esta pesquisa teve como objetivo compreender o fenômeno da ASIS a partir da experiência de jovens que provocam em si lesões, em um procedimento que envolve aceitação e cuidado aos envolvidos.

MÉTODO

Com a intenção de ampliar as compreensões sobre o fenômeno da ASIS, a partir da experiência de jovens com comportamentos autolesivos em grupos de encontros (GE), o caminho metodológico escolhido por esta investigação será apresentado a seguir.

Cabe salientar, que o cuidado, enquanto uma dimensão existencial e relacional, foi o condutor dos acontecimentos experienciados, entre pesquisadores e participantes, ao longo de todo o processo interventivo e investigativo adotados por

este estudo que, além de propor a elucidação de um dado conhecimento, revelou-se também como uma ação clínica.

O projeto que deu origem a esta pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Vale do São Francisco e teve sua aprovação com o parecer nº 2.865.455.

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Inicialmente, foram selecionados dez jovens entre 14 e 19 anos que já tinham praticado, ao menos uma vez, ASIS; e a escolha da idade deu-se, por ser uma faixa etária com alta incidência de pessoas com tal comportamento, como mostram alguns estudos (Aratagy, 2017; Garreto, 2015; Klonsky *et al.*, 2011; Silva; Siqueira, 2017). Para selecionar os participantes da pesquisa, primeiramente realizou-se um levantamento na clínica-escola em que este estudo ocorreu; todos os casos triados ou atendidos em plantão psicológico, que apresentaram tais comportamentos, foram contactados e, os que compareceram, foram convidados a participar do estudo. Posteriormente, foi feito contacto com a psicóloga da Secretaria de Educação do município em que o estudo ocorreu, para que indicasse casos para o estudo, e alguns jovens atendidos pelo plantão psicológico em escolas da região também foram convidados.

Todos os menores de 18 anos tiveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos pais, e assinaram o Termo de Assentimento (TA) estabelecido para esta pesquisa, a fim de garantir os princípios éticos com seres humanos, assim como os maiores de 18 assinaram o TCLE. Os jovens convidados a participar do estudo passaram por uma entrevista inicial com a pesquisadora/psicóloga, em que puderam contar um pouco sobre sua história pessoal, e a proposta da pesquisa-intervenção foi apresentada. Dos dez jovens selecionados, participaram efetivamente do estudo sete, sendo seis do sexo feminino

e um do sexo masculino. As idades foram de 14 a 19 anos, sendo a média da faixa etária de 16,5 anos. Três dos selecionados não compareceram aos atendimentos.

A seguir serão apresentados alguns dados históricos dos participantes da pesquisa, que se mostram significativos para a compreensão do fenômeno estudado.

Os sete jovens que participaram do estudo já tinham praticado ASIS, sendo que a maioria deles ainda tinha episódios desse comportamento. A intenção suicida, com episódios de tentativa de colocar fim a vida, esteve presente na experiência de todos eles. No início da pesquisa, três pessoas já estavam em acompanhamento psiquiátrico; ao longo do estudo, mais três foram encaminhadas para avaliação com psiquiatra, e apenas um integrante não necessitou deste tratamento durante o período de vigência do estudo. Todos tinham vivências familiares conflituosas, com rupturas importantes com genitores, por separação dos pais, não reconhecimento de paternidade e abandono parental. Sintomas de sofrimento psíquico também foram sinalizados em familiares dos integrantes da pesquisa. Além desses fatores, a presença de histórico de abuso sexual foi relatada por mais de 80 % dos participantes.

Todos eram oriundos de escolas públicas e relataram episódios em que foram vítimas de *bullying* no ambiente escolar e apresentaram, ao longo do processo de investigação, baixa autoestima, sendo que alguns, inclusive, desenvolveram transtornos alimentares.

LOCAL DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO E MATERIAIS UTILIZADOS

Todos os atendimentos foram realizados em uma sala de grupo, situada em uma clínica-escola de Psicologia, de uma universidade pública. A sala era composta por colchonetes, almofadas, algumas cadeiras e um quadro branco. Os atendimentos individuais aconteceram em sala de psicoterapia ou de supervisão situados na mesma clínica-escola.

Para os atendimentos e coleta de informações da pesquisa, os seguintes materiais foram utilizados: cadernos individuais para escrita das versões de sentido; material gráfico, como: lápis de cor, canetinha, borracha, tesouras, massinhas de modelar, papéis variados, cola, argila, entre outros; jogos; caixas tipo baú de madeira (um para cada); bexigas de borracha.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Esta pesquisa utilizou-se de dois procedimentos específicos de levantamento de informações que nos auxiliaram a tecer as compreensões sobre o fenômeno investigado, foram eles: Versões de Sentido (VS) e Diário de Campo (DC), conforme serão descritos a seguir.

VS é um registro realizado quando a experiência acontece, indicando o sentido que esta teve para aquele que a viveu. Foi idealizada por Amatuzzi (1996b; 2001) apostando que, por ser registrada no momento em que se vive uma experiência, estabelece um contacto vivo com o encontro, sendo então um instrumento potente para ser usado em uma investigação construída de forma experiencial como esta. É um recurso utilizado por pesquisadores e psicólogos em estudos que envolvem experiências humanas (Boris, 2008; Tubero; Rocha, 2020). Após o término dos encontros, os membros do grupo foram convidados a redigir, em seus cadernos, uma palavra, frase ou texto curto que expressasse o sentido que a experiência teve para cada um; da mesma forma, os facilitadores do grupo também redigiam suas VS. Posteriormente ao encontro, os pesquisadores registraram, no Diário de Campo (DC), suas impressões, tendo como foco dessa narrativa o fenômeno da ASIS: como este se apresenta; quais os aspectos relacionais identificados e os movimentos de enfrentamento percebidos nos integrantes, bem como suas afetações.

Para a análise dos dados o material completo das VS e DC foram usados, mas para este artigo apenas foi usado alguns trechos, para ilustrar pontos específicos na discussão.

Como o estudo, foi conduzido por um método interventivo, que envolvia cuidado a jovens com quadro de sofrimento psíquico, alguns atendimentos individuais e com familiares, aconteceram ao longo do processo, com o intuito de suporte e/ou orientação aos participantes da pesquisa e seus familiares. Quando realizados esses tipos de atendimento, foram feitos registros nos DC, de aspectos que auxiliaram na compreensão do fenômeno estudado.

INTERVENÇÕES DA PESQUISA

Entrevista inicial

Todos os participantes passaram por uma entrevista inicial, sendo que nesse momento eles conheceram a proposta do trabalho e puderam compartilhar fragmentos de suas vidas. Nessas entrevistas, foi esclarecido que, por ser uma investigação, a identidade dos integrantes seria preservada e, para tal, todos podiam escolher um nome fictício para usar durante os encontros, como uma forma de dificultar a identificação fora do grupo. Esse foi um ponto que encorajou alguns dos integrantes, que se sentiam desconfortáveis em dividir algumas experiências com o grupo e, a partir do primeiro encontro, após se apresentarem pelo nome escolhido, passaram a se conhecer e se relacionar a partir desses nomes.

Intervenções em grupo

As intervenções em grupo alinham-se às recomendações de Klonsky *et al.* (2011) que indicam a psicoterapia em grupo para auxiliar pessoas com ASIS no desenvolvimento de estratégias para a regulação emocional, habilidades para atravessar situações de estresse e comunicar a necessidade de ajuda. Para esta pesquisa, utilizou-se os Grupos de Encontro. Esta forma de condução de grupo, como foi preconizado por Rogers (2002), não possui estratégias, nem temas previamente

definidos e sim uma abertura para que todos se expressem como desejarem, tendo a intensão de favorecer um ambiente relacional propício à expressão e ao crescimento humano.

Foram realizados ao todo 13 encontros em grupo, sendo o último realizado para validação dos dados da pesquisa. Os encontros tiveram 2 horas de duração com periodicidade semanal e o facilitador, como orienta Rogers (2002), foi o responsável por propiciar uma atmosfera de segurança e confiança, na qual se possibilitou a redução dos mecanismos de defesa e uma comunicação mais aberta e acolhedora entre os integrantes do grupo.

ANÁLISE DE DADOS E CO-CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Para elucidar a forma como as informações desta pesquisa foram analisadas, cabe situar que todo o processo investigativo aconteceu em uma troca de experiências entre pesquisadores, participantes, e a intersubjetividade presente constitui-se como parte da expressividade do fenômeno. Para acessá-las, consideramos o uso de uma escuta suspensiva. Para Barreira (2018), idealizador do termo, a concepção do termo escuta suspensiva deu-se pela necessidade de certo refino metodológico em estudos de cunho fenomenológico em Psicologia. Essa escuta acontece em uma mudança de atitude, em que há um afastamento de concepções e julgamentos pré-definidos, conhecida como redução fenomenológica, ou *epoché*, em um movimento relacional empático. Para Ales Bello (2020, p. 20), “a primeira redução é, portanto, segundo Husserl, aquela que coloca entre parênteses tudo o que dificulta a evidência do que é essencial” ao fenômeno investigado.

Considerando os aspectos anteriores apresentados, após o término dos encontros, todas as informações foram analisadas em conjunto, seguindo uma perspectiva fenomenológica de tendência empírica, que propõe três etapas de análise sugeridas por AmatuZZi (1996a). Inicialmente, realiza-se uma sintonização com o

vivido, que consiste em entrar em contato com as informações, realizando uma leitura sistemática de todo material produzido (VS dos pesquisadores, participantes e DC dos facilitadores) para então, elaborar uma primeira compreensão do fenômeno. Posteriormente, um novo olhar é lançado aos dados na busca de elementos experienciais significativos para a compreensão do fenômeno estudado, sendo que neste passo de análise realiza-se o cruzamento intencional que, para Raineri e Barreira (2010) é quando os pesquisadores analisam a experiência dos participantes, enfatizam a emergência do elemento comum do que foi vivido pelos participantes da pesquisa. E para finalizar a análise, é produzida uma articulação das informações, sintetizando-as como será apresentado no tópico resultados.

No décimo terceiro encontro, os integrantes foram convidados a revisitar todas VS e refletir sobre o seu processo no grupo. Depois disso, receberam uma cartolina com a articulação final das informações, conforme analisados pelos pesquisadores, a respeito do fenômeno da ASIS, baseando-se nas experiências compartilhadas durante as intervenções propostas por esta pesquisa. Assim, cada membro leu uma parte para que os demais opinassem se concordavam ou não, e se queriam alterar ou acrescentar algo.

Essa última etapa foi proposta como uma forma de validação dos resultados do estudo, juntamente com seus integrantes que, além de dar mais consistência à leitura das informações, também proporciona uma troca ativa e horizontalizada entre sujeitos que pesquisam e pesquisados.

RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa serão apresentados em dois tópicos, sendo uma síntese dos encontros em grupo e depois a compreensão do fenômeno ASIS.

Cabe justificar que se optou em usar apenas uma síntese dos encontros, e no tópico da compreensão da ASIS, apresentamos a síntese que foi exposta e validada

pelos participantes, pois o material completo de VS e DC é muito extenso para um artigo.

3.1. ENCONTROS EM GRUPO: SÍNTESE DOS ACONTECIMENTOS

Embora o modelo proposto por Rogers (2002) para os Grupos de Encontro (GE), indicasse a quantidade de oito encontros, para este estudo, foi apresentado, desde a entrevista inicial, que poderíamos estender até doze, caso fosse de interesse e/ou necessidade. E assim, foram realizados doze encontros de trabalho interventivo com o grupo e mais um encontro destinado à devolutiva das informações para os participantes, como apresentado anteriormente.

A seguir apresentaremos uma síntese dos acontecimentos do grupo, a fim de elucidar o caminho que foi sendo construído pelas experiências vividas. As sessões não tiveram temas pré-definidos; recursos gráficos, artísticos e expressivos foram disponibilizados a fim de facilitar a liberdade de expressão.

Desde o primeiro encontro os participantes mostraram-se abertos uns aos outros e evidenciou-se uma forte identificação entre as histórias narradas. O não julgamento durante as falas facilitou para que a expressão se revelasse ao longo de todo o processo.

Os recursos gráficos e lúdicos mostraram-se facilitadores, pois auxiliaram os participantes a lidarem com o desconforto em alguns momentos e, em outros, serviram para acessar diferentes formas de expressão, tais como desenho e escrita.

Em um encontro, bastante significativo, relatos de memórias afetivas de infância silenciadas pelo medo, foram compartilhados. Memórias envolvendo situações de abuso sexual foram compartilhadas.

Ao longo do processo no grupo houve um aprofundando dos relatos compartilhados e, com frequência, alguns de seus integrantes clamavam por cuidado e afeto. A autoestima dos integrantes do grupo mostrou-se, muitas vezes, fragilizada, evidenciando-se, em alguns momentos, dificuldades em lidar com suas imagens

corporais, sendo relatado por alguns deles episódios indicativos de transtornos alimentares (bulimia e compulsão alimentar).

O tema de uso de redes sociais aparece em poucos momentos ao longo do estudo, sendo que se mostrou tanto como uma ferramenta de apoio entre pares, como uma experiência geradora de impactos negativos na autoestima e no gerenciamento do tempo.

Experiências conflituosas entre os jovens participantes do grupo e seus genitores foram bastante presentes ao longo de todo processo.

Foi discutida a Lei Nº 13.819 (Brasil, 2019) em um encontro, que versa sobre notificação compulsória de tentativas de suicídio e automutilação nas escolas. O grupo posicionou-se favorável, mas evidenciou que, na experiência da maior parte, a forma como a escola agiu diante do sofrimento deles foi sentida como inadequada, uma vez que professores ou gestores expuseram seus sofrimentos de forma a dificultar ainda mais a convivência no ambiente escolar.

No decorrer dos encontros, o grupo mostrou-se mais afetivo na forma dos membros relacionarem-se e se acolherem, apresentando manifestações de afeto e comprometimento uns com os outros. Isso apareceu de diversas formas como por exemplo: em trocas de bilhetes que continham frases de encorajamento, falas de acolhimento, busca de soluções para viabilizar o comparecimento de quem não tinha recursos financeiros para o transporte, entre outros.

Houve mais de um momento em que um integrante do grupo relatou ter tido uma ideação suicida, mas ao pensar no grupo, nos vínculos estabelecidos e nas trocas feitas nesse ambiente, tal ideação afastou-se.

O grupo tinha como participantes alguns pacientes em tratamento psiquiátrico, sendo bastante presente, nos encontros, a busca de esclarecimentos sobre a classificação diagnóstica, a compreensão de sintomas e os efeitos de medicações. É importante considerar que foi relatada também a presença de sintomas psiquiátricos em familiares de seis dos participantes da pesquisa.

Houve um encontro em que foi falado sobre as marcas da autolesão sem intenção suicida, sendo que houve um relato de não querer que as cicatrizes sumam, pois elas registram experiências que estão sendo superadas; e outro afirmar querer que as marcas “ridículas” sumam, em uma perspectiva mais estética. No entanto, em momento algum ocorreu a exibição ou a comparação das marcas cicatriciais.

No oitavo encontro, como era o acordo inicial que haveria de 8 a 12 encontros, foi conversado com o grupo sobre a manutenção e os participantes foram unânimes quanto ao desejo de continuar com os encontros.

O décimo terceiro encontro foi destinado à construção/validação das informações, conforme foi explicado anteriormente (método) e que se desdobraram nos resultados apresentados a seguir. Os pesquisados demonstraram se sentir valorizados, por poderem auxiliar na construção das informações de uma pesquisa, e acrescentaram algumas referências de recursos usados como uso de copos personalizados com seus nomes e sala com colchonetes e almofadas, que os fizeram sentirem-se acolhidos e cuidados durante o processo vivenciado. Naquela sessão, o grupo foi informado sobre a manutenção dos encontros após o término da pesquisa, pois foi construído um projeto de extensão que viabilizou a continuidade do atendimento dos integrantes.

ASIS: UMA SÍNTESE DA COMPREENSÃO POR MEIO DA EXPERIÊNCIA

A seguir será apresentada a compreensão revelada pela análise dos dados que foram compartilhadas e validadas pelos participantes do estudo.

ASIS são comportamentos que devem ser compreendidos como um fenômeno multifatorial e, provavelmente, esteja correlacionado a um conjunto de fatores que, ao serem associados em experiências de vida, podem indicar dificuldades de enfrentamento e podem levar a ideações suicidas e até a tentativas de suicídio. Os principais aspectos destacados neste estudo, foram: experiências de *bullying* no

contexto escolar, violência sexual e falta de aceitação nos ambientes escolar e familiar.

Nas relações familiares do grupo estudado, os relatos compartilhados, demonstraram experiências conflituosas, sendo que os jovens se referiam a não se sentirem aceitos em suas escolhas e na sexualidade, não sentiam ser reconhecidos em seus sofrimentos, e relatavam dificuldades de encontrarem espaços de diálogos no ambiente familiar. Alguns jovens com sintomas psíquicos graves relataram negligência ou ausência de cuidados aos seus sintomas. Quando os jovens percebiam estar tendo seu sofrimento compreendido por seus familiares, esta experiência apresentou-se como cuidado, o que facilitou o enfrentamento das dores da vida. Por outro lado, quando sentido como ausência, percebeu-se um agravamento dos sintomas decorrentes desse sofrimento.

Os conflitos relacionais nos ambientes escolares também se evidenciaram ao longo do estudo, sendo vivenciados com dificuldade em se mostrarem e se expressarem, por se sentirem julgados, criticados, desrespeitados e até agredidos. Na escola, os participantes relatam experiências de não encontrarem sensibilidade por parte de professores e gestores em os acolherem, além de sentirem que muitas vezes, o fenômeno da autolesão é tratado de maneira sensacionalista, sentindo-se expostos diante da comunidade escolar, levando-os a esconderem suas dores e aumentando o isolamento. No entanto, a escola apareceu também como um ambiente de suporte por dois integrantes do grupo, uma vez que foi a escola que identificou, acolheu e encaminhou os jovens para atendimento psicológico e psiquiátrico. Entretanto, cabe a ressalva de que duas participantes estavam afastadas das atividades aulistas, justamente pelo ambiente de ensino e aprendizagem ser vivenciado com intenso sofrimento psíquico.

Durante os encontros os participantes mostraram-se abertos e respeitosos uns para com os outros, com manifestações de cuidado e atenção entre eles. A empatia fez-se presente nas relações estabelecidas entre eles e a confiança no grupo

apresentou-se desde o primeiro encontro; o sigilo e o não julgamento foram aspectos que facilitaram, mantendo o espaço como propício para as expressões. O diálogo mostrou-se possível, além de ser um espaço de convivência em que o silêncio fora respeitado e as palavras sempre acolhidas.

Os encontros vivenciados, bem como as escutas individuais realizadas, evidenciam que, por trás de um jovem com comportamentos autolesivos, não suicidas, há históricos de crianças com feridas não cuidadas; feridas existenciais abertas, que se manifestam em comportamentos, sonhos, sintomas e conflitos relacionais. Também é possível sugerir que a ausência de reconhecimento e aceitação, por parte dos familiares e da sociedade, são aspectos que, na experiência dos participantes, podem ter favorecido para seus adoecimentos, sendo que quanto mais se sentem vulneráveis emocionalmente às dimensões interpessoais, a instabilidade afetiva se instaura e o autocuidado se afasta.

DISCUSSÃO

Ao nos debruçarmos nos estudos sobre ASIS e nos dados obtidos por esta pesquisa, evidencia-se a necessidade de buscar uma compreensão contextualizada, sendo que o método fenomenológico nos ajuda a lançar um olhar sobre o fenômeno, considerando o ser em suas conexões existenciais. Torna-se, assim, necessário refletirmos sobre o mundo e as relações que atravessam a existência dos jovens estudados, que diante do sofrimento lançam mão de comportamentos que não possuem como intenção à finitude da vida, mas o alívio de dores silenciadas. (Almeida *et al.*, 2018; Garreto, 2015; Moreira *et al.*, 2020).

Para dar início a esta discussão, iremos refletir sobre alguns marcadores sociais que estão presentes na literatura, bem como nas vivências dos jovens que participaram deste estudo. Existem fatores na experiência de vida deles que também aparecem na maioria das referências bibliográficas consultadas, indicando que são aspectos que devem ser considerados atentamente para se compreender a alta

incidência de ASIS na nossa sociedade. Os envolvidos são oriundos de famílias de baixa renda, geralmente, vítimas de vulnerabilidades sociais e repletos de vivências violentas ao longo de suas existências. A presença de ideação suicida e tentativas de tirar a própria vida marcaram todos eles, assim como a existência de conflitos familiares importantes e a experiência enquanto vítimas de *bullying* no ambiente escolar, dados que se aproximam do estudo de Bombonati (2020) realizado na mesma região em que este estudo foi feito.

A literatura consultada apresenta fatores de risco associados a tais comportamentos, sendo que alguns desses foram encontrados na experiência dos participantes, como as características pessoais trazidas por Giusti (2013): pessimismo, insegurança, distorção da imagem corporal, baixa autoestima, instabilidade emocional, impulsividade e autodepreciação. O mesmo estudo afirma que alguns transtornos psiquiátricos também se mostram como risco, sendo que todos eles também foram identificados (diagnosticados por psiquiatras que atendiam os jovens) em parte dos integrantes do grupo, como: transtorno de personalidade *Borderline*, ansiedade, depressão, transtornos alimentares e abuso de álcool.

Assim, cabe indicar que, como esta pesquisa adota um olhar fenomenológico sobre a ASIS, a compreensão sobre ela, bem como sobre os demais sintomas apresentados pelos participantes e seus familiares, encontram-se alinhados aos preceitos da psicopatologia daseinsanalítica, ou psicopatologia fenomenológica que, segundo Cardinalli (2012, p. 96), “propõe uma mudança de foco, ao deslocar o entendimento da doença para o entendimento do homem que está doente, para o esclarecimento prioritário de sua experiência”. Considerar toda a expressividade em que o fenômeno se mostra na relação do ser com o mundo, com os outros, e como se percebe a sua condição humana nas suas manifestações de abertura, liberdade, corporeidade, temporalidade e espacialidade, fundamentais para compreender COMO o ser adoece.

Buscando compreender essas experiências, é necessário olhar o ser em sua totalidade existencial. As relações interpessoais são aspectos existenciais importantes para se compreender as experiências humanas, individuais e comunitárias, bem como o processo de adoecimento e sofrimento psíquico. Os participantes deste estudo apresentaram em suas experiências construções existenciais que, de certa forma, foram conduzindo-os ao sofrimento intenso e à inabilidade de exercerem suas expressões humanas, sendo que, em alguns momentos, a ASIS pode ter se manifestado como estratégia de enfrentamento.

Ao longo do estudo, houve relatos dos participantes envolvendo vivências traumáticas na infância, tais como: negligência; abusos sexual, físico e emocional; dificuldade de apego; estresse emocional e separação precoce dos pais, sendo estes indicados como fatores de risco para ASIS nos estudos de Bombonati (2020), Giusti (2013), Klonsky *et al.* (2011), Moreira *et al.* (2020) e Walsh (2014). Para Cardinalli (2012), os rompimentos precoces de vínculos familiares, pode propiciar um prejuízo na totalidade existencial, no que se refere à coexistência, podendo levar ao adoecimento psíquico.

As memórias infantis dos participantes do grupo, sugerem grande sofrimento, revelando marcas de crueldade nas experiências de jovens abusados sexualmente na infância (80% dos participantes relataram essa experiência). São memórias de crianças feridas e assustadas, tendo que calar seus gritos de pânico diante do medo das ameaças feitas por adultos abusadores, sendo que a associação entre abuso sexual e tentativa de suicídios também aparece no estudo de Giusti (2013), corroborando com os dados desta pesquisa.

Em todo o processo de encontro com o grupo, bem como nas escutas individuais e de familiares, os relatos sobre conflitos relacionais entre pais e filhos manifestaram-se, indicando uma percepção de comunicação comprometida. Os estudos de Giusti (2013) e Mesquita *et al.* (2011) apontam que a ausência de diálogos na família influencia para que os adolescentes se desenvolvam com menos recursos

de enfrentamento para as adversidades da vida. Esse fenômeno foi revelado ao longo de todo o estudo, desde as entrevistas iniciais e apareceram em quase todas as sessões.

Como este estudo aconteceu em um serviço público, que atende população de baixa renda, é necessário problematizar que, parte da negligência relatada por esses jovens, denuncia a grande vulnerabilidade econômica e afetiva dessas famílias que, geralmente, sentem-se impossibilitadas de buscarem recursos de cuidado para esses seres em sofrimento, bem como para suas próprias dores construídas em histórias de violências e precariedades afetivas. Esse fator alinha-se ao que foi colocado por Almeida *et al.* (2018) e por Moreira *et al.* (2020), em que os comportamentos autolesivos revelam formas subjetivas de enfrentamento de um adoecimento da sociedade, pois vivemos em um meio social de faltas e ausências em todos os âmbitos; isso não nos permite “culpar” uma família ou uma escola ou um governo, mas devemos sim pensar em todas as dimensões que reproduzem relações que tendem a adoecer os que estão mais fragilizados.

Outro ponto a ser considerado, é que quando os jovens não se sentem aceitos pelos seus pais, na forma que são, por suas sexualidades ou pela forma que se vestem e se expressam, há um impacto na forma como estes se veem e avaliam-se, tendendo a uma autocrítica negativa, o que corrobora com os achados de Mesquita *et al.* (2011). A não aceitação de si para os participantes agravou-se por situações vividas de *bullying* no ambiente escolar, sendo que tais experiências associam-se ao início de sintomas de transtornos alimentares em alguns dos integrantes, como bulimia e compulsão alimentar. Cardinalli (2012) discute que o ser-no-mundo é afetado corporalmente por tudo que está ao seu redor e que tais afetações podem levar a perturbações na dimensão corpórea dessa existência. Tal afirmação ajuda-nos a compreender a trajetória de construção desse adoecimento.

Foi percebida a importância de os pais terem a real dimensão do sofrimento dos filhos, pois quando os filhos se percebem não compreendidos, acreditam que não

recebem a devida atenção e importância as suas dores psíquicas, relatam isolamento. Epiphany e Guimarães (2019) ao evidenciarem a importância da forma de comunicar para pais sobre comportamentos autolesivos na escola, como indica a Lei Nº 13.819 (BRASIL, 2019), sugerem que tal comunicação seja feita, de preferência, por profissionais qualificados, para que se dê o processo de psicoeducação sobre o acolhimento e cuidados que porventura devem ser tomados. Esta foi uma reflexão que se fez presente ao longo do estudo, principalmente no encontro em que os participantes foram convidados a discutir sobre a lei, a partir da própria experiência; alguns relataram experiências traumáticas, que se sentiram expostos por figuras de autoridade, levando-os a se afastarem da escola, o que ocasionou um maior isolamento.

Ao contrário do que muitos pais e professores acreditam, que os adolescentes querem chamar atenção, vemos, tanto pela experiência dos participantes como nos estudos realizados por Garreto (2015), Giusti (2013) e Silva e Siqueira (2017), que a ASIS gera vergonha para quem a pratica, levando a esconder e não expor. Entretanto, Klonsky *et al.* (2011) acrescentam que há funções interpessoais assumidas pelo uso de ASIS como: maneira de vinculação a pares; vingança e influência interpessoal, que não foram presentes neste estudo.

Outro fato de grande relevância, quanto aos estados emocionais e sentimentais, é a presença de um sentimento de culpa que se mostra também como fator de risco, aliado à impulsividade, para iniciar uma nova repetição da ASIS. Tal fato foi visto em alguns relatos dos participantes, principalmente em um encontro, em que uma participante, que havia tentado colocar fim a sua vida, diz sobre o quanto se sentia envergonhada e culpada pela tristeza de seus familiares, assim como discutido nas pesquisas de Dinamarco (2011), Giusti (2013) e Garreto (2015).

As marcas, autoprovocadas na pele, revelaram perspectivas corporais subjetivas vividas de diferentes formas, como discutido em um encontro, em que um integrante do grupo diz: “*quero que as marcas dos meus cortes de ‘automutilação’ não*

desapareçam para eu saber que pude superar esta fase"; enquanto outro participante destaca *"não quero ter mais estas marcas ridículas"*. A manifestação dos comportamentos de violência autoinfligida, bem como as ideações suicidas e posteriores tentativas de autoextermínio, apresentaram-se de forma impulsiva diante de um desespero, sendo tal sentimento mobilizado por situações vividas, conflitos com pessoas significativas, sensação de vazio e de ausência de sentido. Fortes e Macedo (2017, p. 360) dizem que *"há uma lógica interna neste ato que indica uma busca de apaziguamento e não destruição pessoal"*, podendo inclusive ser uma forma de encontrar o sentido de existir. O sentido do comportamento foi explicitado em diversos momentos pelos participantes da pesquisa como, por exemplo, em uma escuta individual que um participante diz: *"quando pensava em me matar, eu não queria morrer, só queria matar a dor que sentia"* e em uma anotação do caderno de VS que traz uma citação de uma música de Cássia Eller que diz *"Socorro. Alguém me dê um coração que esse já não bate nem apanha. Por favor, alguma emoção pequena. Qualquer coisa que se sinta, em tantos sentimentos deve ter algum que sirva"*, o que corrobora com a função intrapessoal evidenciada por Klonsky *et al.* (2011) e Moreira *et al.* (2020) da ASIS como uma busca por sensações.

Alguns estudos têm apontado o ambiente escolar como um dos locais onde mais ocorrem os casos de autolesão não suicida de adolescentes. No estudo de Silva e Siqueira (2017), 100% das instituições pesquisadas apresentaram caso de ASIS, sendo que, em 85,7% ocorreram nas dependências da escola. No entanto, ainda se percebe um despreparo significativo para que professores e gestores conduzam de forma adequada e acolhedora esses jovens em sofrimento, o que acaba, muitas vezes, em desqualificar a dor psíquica e expor o estudante perante sua turma, profissionais da comunidade escolar e pais. Nesse sentido, os relatos revelaram situações em que a escola se mostrou como acolhedora e responsável pelo jovem ter buscado tratamento, mas, por outro, a maioria dos integrantes revelou que a atitude de professores e gestores lhe afastaram do convívio escolar, por não se sentirem

acolhidos em seus sofrimentos e por tornarem suas relações na escola mais conflituosas, aumentando ainda mais o isolamento social no ambiente educacional.

O comportamento autolesivo não suicida apresentou-se como uma forma de comunicação de dores não expressas e afetos não manifestados. Essa afirmação condiz com diversos estudos sobre o mesmo fenômeno como, por exemplo, no artigo de Fortes e Macedo (2017), ao trazerem uma referência a Gauthier (2007, *apud* Fortes; Macedo, 2017), nomeando a ASIS como uma dor silenciosa, que também é vista na VS de um dos integrantes do grupo quando diz: “*estou me afogando em palavras que não digo. Sinto falta de mim*”.

O GE, como espaço terapêutico e de investigação, mostrou-se eficiente e adequado aos integrantes, que encontraram uma atmosfera propícia para se expressarem, cuja identificação entre eles mostrou ser um aspecto facilitador; tal fato foi apontado pelos próprios participantes e está de acordo com o sugerido pelos trabalhos de Klonsky *et al.* (2011) e de Almeida *et al.* (2018).

Nos encontros em grupo houve uma atmosfera propícia para se escutar as vozes até então silenciadas por falta de atenção, pois a maioria relatou que suas dores não eram ouvidas, compreendidas, respeitadas e valorizadas pela família, nem em contextos escolares e sociais; logo, a atitude de atenção e solidariedade ao que sofre, facilita a expressão da dor, sendo esse um importante antídoto para a ASIS, como colocado por Almeida *et al.* (2018) e Fortes e Macedo (2017).

Os encontros do grupo possibilitaram a expressividade dos participantes, permitindo com isso uma maior consciência de si por parte deles, auxiliando-os na busca de novos recursos de enfrentamentos e como a ASIS, muitas vezes, é associada à ausência desses recursos (Garreto, 2015), é possível sugerir que dar oportunidade a espaços de diálogos, facilitados de forma a permitir o acolhimento e respeito a toda forma de expressão, além do desenvolvimento de habilidades sociais, auxilia a redução dos episódios de violência autoinfligida. Nos encontros, alguns mantiveram-se mais silenciosos e o respeito ao silêncio também foi apontado, por

eles, como uma atitude de cuidado que, em alguns momentos, a expressão de uns ecoavam no silêncio de outros, dando sentido aos sofrimentos. Como colocado por Almeida *et al.* (2018), a dor sem sentido dói mais quando comparada ao sofrimento com a compreensão de seu sentido.

GE, proposta original de Rogers (2002), têm como objetivo facilitar para que pessoas se relacionem de forma mais harmônica, para que o diálogo aconteça de forma aberta e respeitosa. Ao debruçarmo-nos sobre a temática central deste estudo, fica evidente que boa parte do processo de adoecimento dos jovens, que praticam ASIS, revela conflitos de relacionamentos; logo, ter o grupo como modelo relacional em que a comunicação acontece de forma mais clara e respeitosa, mostrou-se de grande relevância ao processo dos participantes, que puderam, ao longo dos 13 encontros, experimentar o diálogo, a escuta, o respeito, o acolhimento e a empatia.

Também é necessário considerar que quando Cardinalli (2012) discute o adoecimento psicológico, baseando-se nos textos de Medard Boss, refere-se à ausência da percepção de liberdade e que a falta de abertura ao mundo são componentes associados aos sintomas psicopatológicos. Sendo assim, ao proporcionarmos um espaço em que a liberdade de expressão fora facilitada, em certa medida, facilitou, aos envolvidos, vivenciarem uma maior abertura existencial, sendo então possível considerar como forma mais saudável de viver a vida. Em diversos momentos, integrantes do grupo relataram sentirem-se à vontade para serem quem são no espaço compartilhado do grupo e poderem falar sobre seu sofrimento sem se sentirem criticados ou julgados, inclusive em situações de relatos de ideação suicida, o que pode sugerir uma experiência de abertura ao outro.

Foi possível perceber que o atendimento em grupo é uma forma potente de se lidar, acolhendo e ressignificando as experiências de pessoas com ASIS. No entanto, há a necessidade de um olhar atento e sensível para as particularidades de cada um, sendo necessário, em alguns momentos, escutas individuais e espaços de diálogo com familiares, o que também é indicado por Klonsky *et al.* (2011). A participação dos

familiares no processo de cuidado dos jovens atendidos mostrou-se como um aliado fundamental, auxiliando-os à melhor compreensão do que se passa com o jovem e as necessidades de sua participação no tratamento dos filhos.

Sapienza (2008), no final de sua obra *Conversa sobre Terapia*, reflete que a terapia (podemos considerar que neste caso, os GE tiveram um caráter terapêutico) é um caminho conjunto e sincero que, muitas vezes, leva à simples aceitação de que nem todos os questionamentos possuem resposta; mas essa constatação não impede o caminhar e o prosseguir rumo ao desenvolvimento e, então, a autora conclui que, para seguir em frente, a vida necessita de sentido e “é entre incompletude e incertezas que este sentido poderá ser descoberto ou então retomado” (Sapienza, 2008, p.159). Essa colocação da autora alinha-se ao movimento construído com o grupo, de buscar sentidos para a vida, às vezes ocultados pelas dores extremas vividas pelos membros, mas presentes no vínculo estabelecido de cuidado e reflexões realizados ao longo deste processo de investigação, que buscaram responder qual o sentido de seus atos, comportamentos e questionamentos, propiciando uma conexão com o sentido mais essencial que é o existir.

Na avaliação dos resultados, construída com os participantes no décimo terceiro encontro, confirmou-se que a quantidade dos encontros não foi suficiente para que todos tivessem desenvolvido habilidades e estratégias de pleno afastamento da ASIS, e de ideações suicidas. É necessário considerar que boa parte chegou ao grupo com um quadro grave de sintomas psiquiátricos até então não cuidados, o que levou a continuidade do processo de cuidado, mesmo após o encerramento da coleta de informações desta pesquisa; isso foi garantido pelo início de um projeto de extensão, que previa dar continuidade ao atendimento dos integrantes e desenvolver ações de cuidado nas escolas públicas da região de ensino fundamental e médio, além de ações para gestores e professores que buscavam facilitar o enfrentamento do sofrimento dos estudantes.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo compreender a ASIS, sendo que as experiências das pessoas envolvidas neste estudo foi o caminho de acesso a este fenômeno. Após vivermos essas experiências e, posteriormente, afastarmos-nos para compreendê-las, podemos concluir que precisamos lançar um olhar amplo sobre a forma como as relações interpessoais têm se manifestado em nossa sociedade. No grupo estudado, os conflitos foram presentes nos ambientes onde esses jovens existem e se manifestam enquanto ser-no-mundo, revelando que suas dores, geralmente, revelam as dores de seus familiares, que em condições de grande vulnerabilidade socioeconômica, não puderam desenvolver recursos para compreender os sentimentos e emoções de seus filhos, pois muitas vezes não conseguiram compreender a si mesmos. Com isso, a ausência do diálogo e da abertura para se expressar em si mesmo, torna o ambiente relacional propício ao adoecimento psíquico.

As diversas formas de violência experienciadas pelos participantes da pesquisa, seja no ambiente familiar, social ou escolar, revelam uma sociedade que se apresenta muitas vezes adoecida, sugerindo um ambiente propício para que feridas existenciais sejam cavadas em experiências de abandono e violência. É na convivência social que nos relacionamos e nos encontramos com nossos pares e pessoas significativas, sendo que esses encontros exercem papel fundamental na forma como nos apreciamos. Logo, ao se considerar a ASIS, precisamos refletir sobre a intolerância para determinadas expressões e manifestações que é comum na sociedade, podendo levar a experiências de sofrimentos severos, muitas vezes negligenciados e intensificados pelo silenciar da dor. Isso nos leva a concluir ser fundamental que essas dores não sejam só ouvidas e acolhidas, mas também respeitadas, sendo de grande relevância proporcionar ações no ambiente escolar que visem melhorar as relações humanas.

Ao se pensar nos marcadores sociais trazidos na revisão de literatura e na experiência dos participantes desta pesquisa, podemos indicar como uma possível ação de prevenção à ASIS, o cuidado às relações humanas, criando espaços de diálogos que ampliem a compreensão das pessoas sobre tais comportamentos. Para isso, a escola pode ser um ambiente propício, se possibilitar formação e espaços dialógicos entre todos que compõem a comunidade escolar, inclusive as famílias e cuidadores dos estudantes para se compreender melhor o sofrimento dos estudantes e da sociedade.

Como desdobramento deste estudo, o projeto de extensão, resultante desta pesquisa, propõe estratégias de formação em escolas, para pais e professores, sobre enfrentamento, acolhimento e cuidado a pessoas com ASIS, bem como de prevenção ao suicídio.

Sugere-se uma investigação que proponha GE em escolas públicas, facilitando o acesso ao atendimento de pessoas em vulnerabilidade social, podendo contribuir na construção de relações interpessoais mais saudáveis para a sociedade.

Podemos indicar como limitações do estudo, a impossibilidade de registros mais apurados das experiências relatadas, e o não aprofundamento de reflexões sobre a relação entre o fenômeno estudado e o uso de redes sociais: um tema sensível na contemporaneidade que merece estudos aprofundados.

Este estudo foi construído com muitas afetações dos envolvidos, tanto participantes como pesquisadores, sendo que, ao iniciarmos, não era possível imaginar as dimensões que este trabalho iria nos propiciar. Foi um estudo que não buscou apenas explicações e construção de conhecimento, mas que também se propôs a se implicar no processo de cuidado e acolhimento aos que se prontificaram a oferecer suas experiências mais profundas, ampliando a compreensão sobre os comportamentos autolesivos sem a intenção suicida.

REFERÊNCIAS

ALES BELLO, Angela. **O sentido do humano entre fenomenologia, psicologia e psicopatologia**. São Paulo, S.P. Ed. Paulus, 2020.

ALMEIDA, Rodrigo Silva; CRISPIM, Maria Sonia da Silva; SILVA, Dionisio Souza; PEIXOTO, Sandra Patrícia Lamenha. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/educacional. **Ciências humanas e sociais**, Alagoas, v. 4, n. 3, p. 147-160, 2018.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Por uma Psicologia Humana**, 2ª ed. Campinas: Ed. Alinea, 2001.

AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. **Estudos de psicologia**, v. 3, n. 1, p 5-10, 1996 a.

AMATUZZI, Mauro Martins. O uso da versão de sentido na formação e pesquisa em Psicologia. In R. M. L. L. CARVALHO (org.), Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta. **Coletâneas da ANPEPP**, v. 1, n. 9, p. 12-24, 1996 b.

ARATANGY, Eduardo Wagner (org). **Como lidar com a automutilação: guia prático para familiares, professores e jovens que lidam com o problema da automutilação**. 1ª ed. São Paulo: Hogrefe, 2017.

BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. Escuta suspensiva. In: KALINKE, M.A.; BICUDO, M.A.V & SPERIDIÃO-KLUTH, V.S. (Orgs.) **Anais do V Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos: Pesquisa Qualitativa na Educação e na Ciência em Debate**. 2018, (p. 1-12). Foz do Iguaçu: UNIOESTE.

BOMBONATI, Ana Carla Castro. **Automutilação entre adolescentes: uma análise sociológica no ambiente escolar rural e o caso girassol**. (Dissertação de mestrado profissional em ensino de sociologia). Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2020.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Versão de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. **Cadernos de pós-graduação-educação**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 191-5, 2008.

BRASIL, **Lei n. 13.819**, de 29 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio, a ser implementada pela União, em cooperação com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios; e altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm

CARDINALLI, Ilda Elizabeth. **Daseinsanalyse e esquizofrenia: um estudo na obra de Medard Boss**. São Paulo: Ed. Escuta, 2012.

DINAMARCO, Adriana Vilano. **Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortante/ou perfurantes. Através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação**. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP. Brasil, 2011.

EPIPHANIO, Erika Höfling; GUIMARÃES, Silvio Guimarães Linhares. E como está a saúde mental na educação? Reflexões sobre comportamentos autodestrutivos no ambiente escolar. *In*: ARAÚJO, L.P; FARIAS, L.L.S; RIBEIRO, M.S.S. & MENEZES, R.L.S (org.) **Comportamento e suicídio**. 2019 (p. 13-20) Petrolina: UNIVASF. ISBN: 978-85-5322-094-6

FORTES, Isabel; MACEDO, Monica Medeiros Kother. Automutilação na adolescência: rasuras na experiência de alteridade. **Psicogente**, v. 20, n. 3, p. 353-362, 2017. <http://doi.org/10.17081/psico.20.38.2556>

GARRETO, Anna Karla Rabelo **O desempenho executivo de pacientes que apresentam automutilação**. (Dissertação de mestrado) Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, S.P. Brasil, 2015.

GIUSTI, Jackeline Suzie. **Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo**. (Tese de doutorado). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, S.P. Brasil, 2013.

KLONSKY, E. David; MUEHLENKAMP, Jennifer J.; LEWIS, Stephen P.; WASH, Barent. **Nonsuicidal self-injury: advances in psychotherapy – evidence based practice**. 1st ed. United States. Cambridge, MA, Hogrefe Pub., 2011.

MENDES, Rosilda; PEZZATO, Luciane Maria; SACARDO, Daniele Pompei. Pesquisa-intervenção em promoção de saúde: desafios metodológicos de pesquisa “com”. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 1734-45, 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015216.07392016

MESQUITA, Cristina; RIBEIRO, Fatima; MENDONÇA, Liliane; MAIA, Ângela. A. Relações familiares, humor deprimido e comportamento autodestrutivos em adolescentes. **Revista de Psicologia da criança e do adolescente**. Lisboa, v. 3, p. 7-19, 2011.

MOREIRA, Erika de Sene; DO VALE, Raquel Rosa Mendonça; CAIXETA, Camila Cardoso; TEIXEIRA, Ricardo Antônio Gonçalves. Automutilação em Adolescentes: revisão integrativa da literatura. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25, n. 1, p 3945-3954. 2020.

RANIERI, Leandro Pena; BARREIRA, Cristiano Roque Antunes. A entrevista fenomenológica. *In*: DOS SANTOS, T. & SPERIDIÃO-KLUTH, V. (Orgs.) **Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisas e Estudos Qualitativos: rigor em questão**. 2010 (p. 1-8). Rio Claro: UNESP. Disponível em <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/>

ROGERS, Carl. **Grupos de encontro** (8^a ed.) São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Conversa sobre terapia**. São Paulo: Educ, 2008.

SILVA, Michele Fernanda de Arruda; SIQUEIRA, Alessandra Cardoso. O perfil de adolescentes com comportamentos de autolesão identificados nas escolas estaduais em Rolim de Moura RO. **Revista FAROL**, v.3, n. 3, p. 5-20, 2017.



e-ISSN: 2177-8183

TUBERO, Andrea de Souza; ROCHA, Rita Maria Godoy. Os bastidores da psicoterapia: descrição de sentido e a supervisão clínica na abordagem fenomenológica humanista. **Revista da abordagem gestáltica**, v. 26 (especial), p. 370-381. 2020. Disponível em DOI 10.18065/2020v26ne.2

WALSH, Barent W. **Treating self-injury: a practical guide**. (2nd ed.) New York: The Guilford Press, 2014.